

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

Américo Junior Nunes da Silva

Ivanete dos Santos de Souza

Ismael Santos Lira

(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2022

Vol 2

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

Américo Junior Nunes da Silva

Ivanete dos Santos de Souza

Ismael Santos Lira

(Organizadores)


Atena
Editora
Ano 2022

Vol 2

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kápio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

A educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
 Ilvanete dos Santos de Souza
 Ismael Santos Lira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências 2 / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Ilvanete dos Santos de Souza, Ismael Santos Lira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0711-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.119222511>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Souza, Ilvanete dos Santos de (Organizadora). III. Lira, Ismael Santos (Organizador). IV. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Temos alguns pilares que inspiram a organização deste livro: o reconhecimento da educação enquanto fenômeno social, as perspectivas que permeiam o processo educacional, harmonizando com o reconhecimento de tendências que forjam a educação como um campo de pesquisa multidisciplinar em contínua e necessária evolução.

Pensarmos a educação enquanto fenômeno social nos conduz a considerar como não triviais o contexto cultural e tudo que dele decorre: os hábitos compartilhados socialmente, os valores morais que identificam uma coletividade específica, as crenças que a mantém coesa. Durkheim (1985), já no início da constituição da Sociologia como disciplina acadêmica, chamava atenção para o fato social como aquilo que perpassa pelos modos de pensar, agir e sentir; que reverberam sobre os indivíduos, exercendo uma “força” sobre as adaptações as regras socialmente estabelecidas. A educação, por exemplo, é um fato social, pois durante todo esse processo os indivíduos vão se desenvolvendo enquanto sujeitos e preparando-se para a vida em sociedade.

Nesse novo século, temos como tendências (não apenas essas), para as práticas pedagógicas, o uso cada vez mais acentuado das tecnologias digitais da comunicação e informação, como a cultura maker, a gamificação e a realidade virtual, destaque para atividades escolares que busquem, de fato, o protagonismo dos estudantes como, por exemplo, a aprendizagem baseada em problemas. Essas tendências estão sendo implementadas, mesmo que timidamente, em algumas instituições de educação ao redor do mundo.

Nesse cenário, viu-se ainda com mais clareza a necessidade de rever o processo formativo dos professores a fim de atender as demandas curriculares e pedagógicas. Cabe aqui localizar o leitor quanto ao contexto social em que os estudos, aqui apresentados, foram gestados. Trata-se de um período pós-pandêmico em que ainda buscamos adaptações para uma nova realidade decorrente de um fenômeno que acentuou ainda mais as desigualdades sociais tais como o acesso à tecnologia e infraestrutura precária das escolas.

As reflexões tecidas nesta obra, intitulada: “**A Educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências**” trazem algumas discussões cujo foco problematiza a educação em diferentes contextos, inclusive o pandêmico, a Educação Matemática Inclusiva, a formação de professores, entre outros.

Dessa forma, convidamos os interessados nos diferentes fenômenos que compõem a educação enquanto prática social enriquecida pelos múltiplos contextos no qual se desenvolve, a refletir à luz desta obra, suas perspectivas e tendências. Esperamos ainda, que ao explorar esse volume, os estudos nele contido possam promover outras investigações e compartilhamentos sobre as

nuances que compõe a educação. Esperamos ter aguçado sua curiosidade sobre as temáticas aqui apresentadas. Portanto, vamos começar?

Américo Junior Nunes da Silva
Ilvanete dos Santos de Souza
Ismael Santos Lira

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| DESIGNING WORKSHOPS ON CIVIC CULTURE FOR INCLUSIVE TRANSMEDIA STORYTELLING | |
| Ismael Cardozo Rivera Aurora Madariaga Ortuzar | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225111 | |
| CAPÍTULO 2 | 17 |
| DISSENSOS E CONSENSOS ENTRE O PROGRAMA DE ENSINO INTEGRAL E O ENSINO REGULAR | |
| Fábio Junior Pinheiro da Silva Juliani Andreia Garcia Caltabiano Thiago Teiji Machado Juliana Marcondes Bussolotti Patrícia Cristina Albieri de Almeida Ana Maria Gimenes Corrêa Calil | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225112 | |
| CAPÍTULO 3 | 25 |
| CONCEPCIONES DE LOS ESTUDIANTES RESPECTO AL USO DE LA WIKI | |
| Ladislao Romero Bojórquez Alejandra Utrilla Quiroz Mariana Consuelo Romero Utrilla | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225113 | |
| CAPÍTULO 4 | 32 |
| EFEITOS PSICOSSOCIAIS E EDUCACIONAIS NA CRIANÇA VÍTIMA DE ABUSO SEXUAL - INTERVENÇÃO NEUROPSICOPEDAGÓGICA | |
| Sara dos Santos Nunes | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225114 | |
| CAPÍTULO 5 | 43 |
| CONCEITOS DE ALFABETIZAÇÃO E DE LETRAMENTO COMO INDICADORES DE METODOLOGIAS PARA APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA | |
| Simone de Souza Vanessa Freitag de Araújo Paula Roberta Miranda | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225115 | |
| CAPÍTULO 6 | 54 |
| EM DEFESA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: UM EXERCÍCIO DEMOCRÁTICO | |
| Dennys Gomes Ferreira João Guilherme Rodrigues Mendonça | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225116 | |

CAPÍTULO 770

ENSINO E PESQUISA FORMANDO ATRAVÉS DOS VALORES NO PIBIB:
INGRESSO DO ESTUDANTE NO UNIVERSO DO FRANCÊS

Inalda Maria Duarte de Freitas

Ana Maria de Freitas Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225117>

CAPÍTULO 878

ESTILO DE PENSAMIENTO Y LOGRO DE APRENDIZAJE EN ESTUDIANTES
DE LA CARRERA PROFESIONAL DE EDUCACIÓN PRIMARIA DEL
INSTITUTO SUPERIOR PEDAGÓGICO PUNO

Eliana Lisbeth Arce Coaquira

Ronald Raul Arce Coaquira

Solime Olga Carrión Fredes

Apolinar Florez Lucana

Daniel Quispe Mamani

Newton Edgar Yanapa Quispe

Juan Mauricio Pilco Churata

Yerko Ademir Boza Condorena

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225118>

CAPÍTULO 992

FAKE NEWS NO ENSINO REMOTO: PERSPECTIVAS DE PROFESSORES DO
ENSINO MÉDIO DO ESTADO MARANHÃO

Marcia Amelia Gaspar Matos

Vicente de Paula Campos Freitas

Nayane de Jesus Pinheiro

Cristiane Silva Gonçalves

Mariana Guelero do Valle

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225119>

CAPÍTULO 10..... 103

AVALIAÇÃO DO ENSINO NA FORÇA AÉREA: ANÁLISE DA ARTICULAÇÃO
ENTRE O CURRÍCULO E A PRÁTICA DOCENTE

Maria Alessandra Lima Moulin

Paulo Pereira Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251110>

CAPÍTULO 11118

GAMIFICAÇÃO: ESTRATÉGIA ATIVA PARA A PROMOÇÃO DA
APRENDIZAGEM MATEMÁTICA POR MEIO DA TECNOLOGIA

Aline Lima de Oliveira

Carlos Eduardo da Silva Rodrigues

Amanda Pereira Santana

Adailto Raimundo Muniz da França

Bárbara Paula Bezerra Leite Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251111>

CAPÍTULO 12..... 135

DIDÁTICA – ANÁLISE CONCEITUAL

Adelcio Machado dos Santos

Rubens Luís Freiberger

Daniel Tenconi

Danielle Martins Leffer

Alisson André Escher

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251112>

CAPÍTULO 13..... 144

DISEÑO E IMPLEMENTACIÓN DE ESTRATEGIAS DIDÁCTICAS EFICACES PARA EL APRENDIZAJE DE LOS GRUPOS FUNCIONALES DE QUÍMICA ORGÁNICA EN LA SECUNDARIA

Amanda Lucía Quiroga González

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251113>

CAPÍTULO 14..... 153

CONTOS DE FADAS COMO PROPOSTA METODOLÓGICA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Gabriela Aparecida de Lima

Maria Luiza Batista Bretas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251114>

CAPÍTULO 15..... 173

BANQUETE DE LEITURA: A IMPORTÂNCIA E A NECESSIDADE DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO HUMANA E CIDADÃ

Ana Rita de Almeida Neves

Antonio Jorge Sena dos Anjos

Kenya Costa Pinto dos Anjos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251115>

CAPÍTULO 16..... 179

GIRA, GIRA, GIRANDO: REINVENTANDO METODOLOGIAS NA RODA PARA ESCUTA DE NARRATIVAS DE MULHERES QUILOMBOLAS

Márcia Evelim de Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251116>

CAPÍTULO 17.....191

GÊNERO, SEXUALIDADE E BULLYING: OS REFLEXOS DO PRECONCEITO E DA DISCRIMINAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

Dennys Gomes Ferreira

João Guilherme Rodrigues Mendonça

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251117>

CAPÍTULO 18.....206

HISTÓRIA DOS NÚMEROS INTEIROS COMO REGÊNCIA PARA O 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Herlaine Estefani Barros Neris
 Aléxia Duarte Drefs
 Danielly Barbosa de Sousa
 Abigail Fregni Lins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251118>

CAPÍTULO 19..... 219

IMPACTOS NA PRÁTICA REGULAR DE ATIVIDADES FÍSICAS E ADESÃO À BUSCA DE OUTRAS FORMAS DE TREINAMENTO DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL DESENCADEADO PELO COVID-19

Ugo Gonçalves de Moraes
 Edson Torres de Freitas
 Matheus de Jesus
 Rafael Ventura
 Fabrício Madureira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251119>

CAPÍTULO 20 231

EDUCAÇÃO E PLANEJAMENTO DE FINANÇAS PESSOAIS

Raquel Virmond Rauen Dalla Vecchia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251120>

CAPÍTULO 21.....239

INOVAÇÃO DE INSTRUMENTOS AVALIATIVOS COMO MEIO PARA MELHORAR A AQUISIÇÃO DA LEITURA NA LINGUAGEM ESCRITA DO ESTUDANTE COM AUTISMO

Lindinalva Maria Silva D'Abreu

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251121>

CAPÍTULO 22 251

GENÉTICA PELAS MÃOS: MODELO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE GENÉTICA AOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS VISUAIS

Lana Dias da Silva
 Eliana Michelle Paviotti-Fischer
 Karla Beatriz Lopes Baldini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251122>

SOBRE OS ORGANIZADORES259**ÍNDICE REMISSIVO 261**

GIRA, GIRA, GIRANDO: REINVENTANDO METODOLOGIAS NA RODA PARA ESCUTA DE NARRATIVAS DE MULHERES QUILOMBOLAS

Data de submissão: 20/09/2022

Data de aceite: 01/11/2022

Márcia Evelim de Carvalho

Doutoranda em Letras PPGeL/UFPI

Teresina – Piauí

<http://lattes.cnpq.br/5822948081801873>

RESUMO: O artigo propõe-se a fazer um recorte da pesquisa intitulada “As Teias de Ariadne: narrativas de memória de mulheres da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos, Codó - MA” financiado pela FAPEMA (2017-2019) e coordenado pela Profa. Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos. A pesquisa contou com a participação direta de 10 pesquisadores da Universidade Estadual do Maranhão – CESTI/UEMA. O recorte objetiva relatar como aconteceu a produção de dados em duas das visitas a comunidade envolvendo 30 mulheres com idades entre 14 e 83 anos, traçando um paralelo entre as lembranças oralizadas por elas e o papel das *Griottes*, termo utilizado em África para designar as contadoras de histórias, responsáveis por transmitirem suas histórias para as outras gerações, como forma de preservar o patrimônio imaterial, as memórias individuais e coletivas da comunidade. Sendo assim, a pesquisa também contribui

para recuperar a função dos mais velhos, esquecida na sociedade pós-moderna capitalista que dá relevo à história oficial em detrimento da lembrança. Utilizamos metodologias inventivas para a produção de dados em Rodas de conversas temáticas e Rodas *Griô*, em que as memórias vêm à tona a partir da exposição de objetos dispostos ao centro da roda. Para fundamentar este artigo utilizamos os estudos de Benjamin (1980); Zumthor (1993); Bosi (2004); Halbwachs (2006); Sisto (2012), dentre outros. O trabalho serviu para mostrar a importância do uso de metodologias inventivas na pesquisa, utilizadas como dispositivos para descortinar subjetividades, vozes esquecidas, histórias de vida ou da tradição oral, capazes de fortalecer laços de pertencimento, ancestralidade, condição feminina e autoafirmação das mulheres envolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologias inventivas. Narrativas de Mulheres. Comunidade Quilombola.

ABSTRACT: The article proposes to make a cut of the research entitled “Ariadne’s Webs: memory narratives of women from the quilombola community Santo Antônio dos Pretos, Codó - MA” funded by FAPEMA

(2017-2019) and coordinated by Prof. Dr. Silvana Maria Pantoja dos Santos. The research had the direct participation of 10 researchers from the State University of Maranhão – CESTI/UEMA. The clipping aims to report how the production of data took place in two of the visits to the community involving 30 women aged between 14 and 83 years old, drawing a parallel between the memories spoken by them and the role of the Griottes, a term used in Africa to designate the accountants. of stories, responsible for transmitting their stories to other generations, as a way of preserving the intangible heritage, the individual and collective memories of the community. Therefore, the research also contributes to recover the role of the elderly, forgotten in the post-modern capitalist society that emphasizes official history to the detriment of remembrance. We use inventive methodologies for the production of data in themed conversation wheels and Griot wheels, in which memories emerge from the exposure of objects arranged in the center of the circle. To support this article we used the studies of Benjamin (1980); Zumthor (1993); Bosi (2004); Halbwachs (2006); Sisto (2012), among others. The work served to show the importance of using inventive methodologies in research, used as devices to uncover subjectivities, forgotten voices, life stories or oral tradition, capable of strengthening ties of belonging, ancestry, female condition and self-affirmation of the women involved.

KEYWORDS: Inventive methodologies. Women's Narratives. Quilombola Community.

1 | INTRODUÇÃO

A comunidade Santo Antônio dos Pretos localizada a 44 km da cidade de Codó é mais um dos vários quilombos que compõem a região dos Cocais no estado do Maranhão. A Comunidade é constituída de aproximadamente 47 famílias, sendo vista como o berço cultural do Terecô, pajelança afro indígena, com forte tradição no Maranhão. Em planos territoriais, Santo Antônio dos Pretos integra uma área que envolve também a Comunidade quilombola Barro Vermelho e Vista Alegre.

O acesso em zigue-zague por uma estradinha de terra nos faz lembrar um labirinto, caminho para o cenário da pesquisa intitulada “As Teias de Ariadne: narrativas de memória de mulheres da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos, Codó - MA” financiado pela FAPEMA (2017-2019) e coordenado pela Profa. Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos. O projeto envolveu a participação direta de 10 pesquisadores da Universidade Estadual do Maranhão – CESTI/UEMA, sendo 06 professores e 04 alunos.

A lembrança de Ariadne no título do projeto é uma analogia a história da mitologia grega. Ariadne era filha do rei de Creta, Minos, e de sua mulher Pasífae. Este rei impôs a Teseu, herói por quem Ariadne se apaixonara, a condição de entrar num labirinto, onde se encontrava um Minotauro, para matá-lo e desposar sua filha. Portanto a pesquisa, metaforizando o mito, pretende seguir vestígios ou pistas encontradas em um evento inesperado para atingir o desejado, um labirinto de verdades escondidas nas vozes esquecidas das mulheres da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos.



Fig. 1: Comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos – Codó – MA. Setembro, 2017. Foto: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Sendo assim, o projeto teve por objetivo ressignificar narrativas de mulheres da Comunidade Quilombola Santo Antônio dos Pretos, no Município de Codó, Maranhão, a partir de seus relatos de memória. As narrativas das mulheres da comunidade ancoraram-se em duas categorias importantes: a memória e a voz. A primeira envolve a existência; a segunda veicula a transmissão do saber pela *performance*, logo ambos os sujeitos - pesquisadores e pesquisadas - protagonizaram uma ação dialógica impedindo que um único participante detivesse a palavra, em uma livre troca de saberes (ZUMTHOR, 1993).

A pesquisa propunha-se inicialmente a contemplar somente as mulheres mais velhas da comunidade, já que a função social do velho é rememorar, aconselhar, como um elo entre o passado e o porvir (BOSI, 2004), mas o fato das mulheres mais novas também se interessarem pelas atividades memorialísticas desenvolvidas fez com que a pesquisa fosse ampliada, como explica Caio Carvalho, um dos pesquisadores do projeto:

A proposta inicial do projeto era envolver apenas mulheres de meia idade e anciãs, por considerarmos que seus relatos seriam potencializados pelo acúmulo de experiência. No entanto, fomos surpreendidos com uma quantidade considerável de jovens mulheres, muitas delas adolescentes, que chegavam aos encontros com seus filhos de colo e outros já crescidos, mulheres-meninas, tão cedo assumindo o peso da responsabilidade com outro ser. Decidimos mudar o percurso do projeto e também envolvê-las na pesquisa, consideramos que a interação seria enriquecedora para refletirmos sobre como as mulheres de diferentes gerações pensam sua condição de ser mulher nas relações de gênero dentro da comunidade, de fato, foi uma decisão acertada. (Anotações do Diário de Campo do pesquisador).

As várias gerações de mulheres presentes na pesquisa propiciaram-nos vivenciar as narrativas dos mais velhos sendo passadas para os mais novos, a exemplo das *Griottes*, contadoras de histórias na África, responsáveis por transmitirem suas histórias para as outras gerações, como forma de preservar o patrimônio imaterial, as memórias individuais e coletivas da comunidade.

Griotte é o feminino de *Griot* (Griô), palavra francesa, utilizada na África Ocidental para designar os depositários da tradição oral, menestréis da palavra, pertencente ao clã, aos ancestrais, à comunidade dos falantes de variadas e inúmeras línguas, como declara poeticamente Sisto (2012, p. 271): “A ação do contador tradicional é como a água do rio, farfalhando na correnteza; é como a água do mar, obedecendo ao desígnio das marés; é como a água das chuvas, purificando quem a recebe”.

É importante lembrar que uma das qualidades de quem narra às memórias de um lugar é a possibilidade que têm de reconstruir o passado, de ligar os tempos, com a intenção de preservar e disseminar a herança cultural e promover uma tomada de consciência (SISTO, 2012). Sendo assim, as narrativas orais não podem ser percebidas como invenções particulares, analisadas somente a partir da percepção de quem narra, já que são atravessadas por vozes do ambiente vivencial do narrador, suas ordens morais, sociais e outros aspectos, como reforça Halbwachs (2006, p.72):

[...] a memória individual provê o conhecimento da memória coletiva, tendo em vista que para evocar o próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade.

Estas constatações nos direcionaram a pensar em alguns questionamentos iniciais que moveram a pesquisa e nos possibilitaram traçar um plano de ação em direção à metodologia que adotaríamos, como: qual o lugar que as mulheres desta comunidade ocupam nas relações de gênero? Que legado as suas ancestrais lhe deixaram? Como as mulheres da comunidade se reconhecem como sujeitos sociais?

Em reunião com os pesquisadores, compartilhamos material de pesquisa sobre comunidades quilombolas, sua cultura, religião, trabalho, modos de vida, mas precisávamos ouvir de viva voz, as vozes esquecidas das mulheres da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos. Para isso pensamos em metodologias sensíveis para produção de dados, que nos possibilitasse possíveis respostas ao que buscávamos.

Foi assim que reinventamos as Rodas Griô, em que as memórias vêm à tona a partir da exposição de objetos dispostos no centro da roda, preservando o movimento rítmico da circularidade, que simbolicamente representa a totalidade, o temporal e o recomeço e as Rodas de conversas temáticas (num sistema de Rodízio). Para Gomes (2013, p.43-44) “[...] o círculo é um símbolo do poder criativo do universo, pois não tem início nem fim e reporta-se à continuidade, ao processo cíclico. O círculo se constitui em um símbolo universal, ou seja, o arquetipo da totalidade”.

Essas práticas metodológicas serão mais bem detalhadas no tópico a seguir, quando trazemos o relato de experiência de duas das visitas à comunidade para produção de dados.

2 | UTILIZANDO O ESPAÇO-PESQUISA DE FORMA SIMBÓLICA: A PRODUÇÃO DE DADOS EM RODAS

As visitas à comunidade aconteceram aos sábados, já que nos demais dias da semana as mulheres estavam envolvidas com o trabalho doméstico e de campo. Embora planejássemos previamente as atividades a serem realizadas, a chegada a comunidade era sempre marcada pelo inusitado, a surpresa, o porvir.

As primeiras narrativas memorialísticas começam a brotar naturalmente já na visita de reconhecimento à comunidade, no encontro com a mulher mais velha, Dona C., com 87 anos de idade. Caio Carvalho assim registrou:

[...] uma mulher fisicamente frágil, mas com um olhar expressivo de determinação. No encontro, Dona C. relatou que o local onde vive é herança de seu avô, que conquistou o espaço ao fugir da escravidão. Lúcida, fez referência aos filhos: quatro mulheres e um homem. Falou com orgulho que todos sabem ler, porém lamentou não saber. Salientou que não aprendeu 'porque minha mãe não me botou pra aprender. Fui trabalhar catando algodão e quebrando coco'. Como era o primeiro encontro, o diálogo não foi tão aprofundado, porém percebemos que a mesma reconhece o papel da educação diante de seus filhos, ao passo que lamenta a impossibilidade de sua alfabetização no passado. (Anotações do Diário de Campo do pesquisador)

Dona C. ainda nos levou para conhecer o salão de celebrações religiosas da comunidade – o terecô –, cuja tradição é mantida com muito respeito e dedicação. O terecô é a manifestação cultural-religiosa desta comunidade e resulta da pajelança afro-indígena, ramificação do Candomblé. Trata-se de um rito que faz uso de tambores e as mulheres cantam e dançam para agradecer, celebrar seus santos e pedir bençãos.

As fotografias expostas no espaço exibem mulheres representativas da liderança feminina, o que nos possibilitou refletir sobre a valorização de seus antepassados, reconhecendo que foram mulheres importantes e comprovando a importância da memória individual e coletiva defendida por Halbwachs (2006).

Optamos por reinventarmos metodologias em Rodas, para duas das visitas à comunidade, já que estávamos trabalhando com símbolos, usando a metáfora do círculo. Para isso utilizamos a Roda Griô e a Roda de conversas temáticas.

3 | A RODA DE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS (RODA GRIÔ)

O primeiro encontro com as mulheres da comunidade para produção de dados foi marcado por uma conversa inicial de apresentação do grupo de pesquisadores, nossos

objetivos e convite para participarem da pesquisa como colaboradoras. Reunimo-nos na grande e única sala de aula da escola da localidade. A fim de despertarmos o sentimento de pertencimento e resistência feminina escolhemos para contar a história *Quando a Escrava Esperança Garcia Escreveu uma Carta*, escrita pela autora Sonia Rosa (2012), através de leitura em voz alta.

A história narra a vida de uma mulher piauiense, negra e escravizada, que reivindicou sua liberdade em 1770, escrevendo uma carta dirigida ao governador da capitania do Maranhão, Gonçalo de Castro, numa época em que as regiões do Maranhão e do Piauí ficavam na mesma capitania. Na carta-petição a escrava relatava os maus-tratos sofridos nas mãos do capitão Antônio Vieira de Couto, inspetor de Nazaré do Piauí. Recentemente Esperança Garcia foi reconhecida pela OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) como a primeira mulher negra advogada do Brasil.

Em seguida realizamos uma Roda Griô, metodologia reinventada por esta pesquisadora, inspirada no trabalho da ONG Ação Griô Nacional, com sede na cidade de Lençóis – BA, uma Roda de histórias e memórias. O Ação Griô valoriza o trabalho dos Mestres Griôs, contadores de histórias de comunidades rurais, em toda a região da Chapada Diamantina.

Numa Roda Griô colocamos as cadeiras em forma de um grande círculo, por ser uma disposição útil para obtermos as informações, além de proporcionar um clima de receptividade e facilitar a participação cooperativa e afetiva de todos.

Tomamos como empréstimo a palavra de Durand (1988) quando esse esclarece que o homem é um ser compulsivamente simbólico (*homo symbolicus*) que cria significados para dar sentido ao mundo, seja através da imaginação ou da razão, que lhe permite analisar e compreender os fatos e a relação existentes entre eles, ambos parte de um cenário simbólico.

Para o autor o homem faz uso de duas maneiras de representar o mundo: a imaginação reprodutora, quando age evocando objetos conhecidos de vivências passadas, imaginação direta, em que a própria coisa parece estar presente na mente e a imaginação criadora, “que se refere ao devaneio, à invenção de outras imagens, à criação de fantasias, que são construídas por combinação ou síntese de imagens, imaginação indireta, onde o objeto é re-(a)presentado à consciência por uma imagem, no sentido amplo do termo” (DURAND, 1988, p.12).



Fig. 2: Roda Griô. Setembro, 2017. Foto: Arquivo pessoal da pesquisadora

Dessa forma, utilizamos os conceitos destacados por Durand (1988) para trazermos para o centro da Roda Griô, objetos simbólicos que podem evocar imagens, de forma direta e/ou indireta nos participantes, objetos estes selecionados pelos pesquisadores que atuaram como animadores da Roda, conforme a cultura do lugar ou a partir de uma temática pré-estabelecida com o objetivo de facilitar o processo de rememoração dos participantes, trazendo à tona histórias e memórias, “disparadores ou muletas da memória”, como atesta Caio Carvalho:

Com a *Roda Griô*, expomos vários objetos que pudessem servir de gatilho para a memória (chapéu de palha, fotografia, pilão, colher de pau, boneca, dentre outros) no centro do local do encontro, para que cada mulher representasse uma lembrança, a partir de um objeto. Por meio dos relatos, percebemos que são mulheres que tiveram uma infância marcada por trabalhos domésticos, nas lavouras, na quebrada de coco, mas que também tiveram liberdade para serem crianças, para brincarem nos espaços da comunidade. (Anotações do Diário de Campo do pesquisador).



Fig. 3: Objetos disparadores da memória. Roda Grô. Setembro, 2017. Foto: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Mais uma vez trago os relatos-comentados de Caio Carvalho para ilustrar algumas narrativas lembradas pelas mulheres na Roda Grô:

Dona E. pegou uma pequena boneca e rememorou o seguinte acontecimento: “Essa boneca me lembra quando eu era pequena, não existia boneca aqui, então a gente pegava filhote de milho, com aquele cabelo loirinho, sabe? Aí colocava no sabugo, fazia as roupinhas e pronto: ali era nossa boneca”. Percebemos que, apesar de uma vida simples, desprovida de bens e conforto material, sua história é narrada com alegria e afeto. O modo como a sua reminiscência flui, revela o apreço que a mesma possui pelos acontecimentos narrados. (Anotações do Diário de Campo do pesquisador).

Outro exemplo de lembrança que envolve um acontecimento simples, porém prazeroso, é o depoimento de Dona M. Ao se aproximar da roda e pegar um pilão, lembrou que desde pequena trabalha “na *pilação* de arroz, dava trabalho, mas a gente era feliz, aquele arroz era muito mais gostoso do que o de hoje”. Os relatos nos permitiram inferir sobre a importância da memória para a valorização de vivências individuais e coletivas. (Anotações do Diário de Campo do pesquisador).

O animador da Roda é o responsável pelo andamento e dinamização da vivência. Ele assume o papel de ativar a memória dos integrantes, seja através de motes ou fios que entrelaçam a fala de cada membro, de cantigas de roda ou de expressões populares

conhecidas, criando um elo entre os integrantes, que podem tomar como sua a palavra circulante a qualquer momento (CARVALHO, 2016).

Para Busatto (2005, p. 03) “nas diversas civilizações e tradições vamos encontrar a figura do narrador na roda, não apenas como o propagador da sabedoria do povo, através da oralidade, mas também como canal que opera o acesso aos diferentes níveis da realidade.” Dessa forma a ligação entre o mundo de fora e o de dentro está na circularidade da roda.

4 | AS RODAS DE CONVERSAS TEMÁTICAS

Em outra ocasião de visita à comunidade realizamos a metodologia das Rodas de conversas temáticas (num sistema de Rodízio). Depois de darmos as boas-vindas, iniciamos as atividades fazendo uma dinâmica com balões para separar subgrupos temáticos com a finalidade de produzirem relatos. Ao som de uma música com batuque, soltamos vários balões no salão da escola para que dançassem, tocando-os no ar.

Cada balão continha um papelzinho com uma das temáticas, que se repetia seis vezes, quantidade correspondente ao número de mulheres que deveria conter em cada um dos quatro grupos que se formariam. As temáticas foram as seguintes: histórias da comunidade, cantigas de trabalho, crenças (religiosidade) e particularidades referentes a gêneros (o que é específico de homem ou mulher na comunidade). Ao final da música, cada uma delas deveria segurar um balão e estourar pegando o papelzinho que definiria a formação dos subgrupos.

Os subgrupos foram formados com as cadeiras distribuídas em forma de pequenos círculos conduzidos por duplas de pesquisadores, que levavam uma das temáticas propostas, num sistema de rodízio, a cada escuta do toque do tambor. Os pesquisadores deveriam usar algum artifício como estratégia para fazer aflorar as lembranças das mulheres, assim ouvimos todas as narrativas.

Uma das estratégias que utilizamos foi iniciarmos os questionamentos contando uma história e/ou nos colocando dentro de uma situação relacionada ao tema para que também pudessem falar a respeito. Como exemplo, ao levar a temática Histórias da Comunidade para cada um dos subgrupos, uma dupla de pesquisadores contou a história da aranha *Anansi* (personagem da tradição oral africana), utilizando-a como uma estratégia.

Anansi tem o poder de se metamorfosear tomando a forma humana ou animal, é muito curiosa e sempre vence todos os obstáculos para conseguir o que deseja, aparecendo em várias histórias da cultura africana, um exemplo de resistência, uma boa simbologia para provocar suas falas.

Ao passar por cada subgrupo, essa dupla de pesquisadores, começava sempre a conversa remetendo a um tempo de memórias e sabedoria dos mais velhos: “Vocês sabem que nós somos sortudas? Sabem por quê? Porque tivemos avós que nos contavam histórias, como essa que vamos contar agora para vocês, da tradição oral africana, a

História da origem das histórias”:

Há muito tempo, existiu uma Aranha muito sábia e curiosa que se chamava Anansi. Ela queria muito ter todas as histórias do mundo para contar para seu povo. Foi aí que descobriu que todas as histórias eram guardadas pelos deuses, no céu. Anansi resolveu fazer um fio enorme que ligava a terra ao céu e foi até lá pedir as histórias aos deuses. Ela teve que passar por várias provas de esperteza para receber a cesta com todas as histórias do mundo. Mas recebeu. E quando voltava, descendo pela teia, um vento muito forte fez com que ela desequilibrasse e as histórias se espalhassem por todo o mundo, por todos os lugares. E é por isso que em todo lugar tem sempre aquelas pessoas que gostam de contar histórias. (História da Tradição Oral africana).

A história de *Anansi* provocou nas mulheres vontade de também contarem suas histórias, já que fez uma relação dos contadores de histórias na África com os mais velhos (avós). As histórias de cada uma das mulheres que formavam os subgrupos temáticos chegavam aos poucos, trazendo com elas imagens vivas de seus pais, avós, pessoas queridas que ficaram para trás, memórias de suas infâncias.

E vieram as histórias da dança do Boi, de seres encantados da comunidade, brincadeiras e cantigas de um tempo em que “menino não entrava no meio de adulto, no tempo do quilombo dos escravos”, como as que se seguem, lembradas por elas, canções cantadas pelo Cacuriá de Dona Teté, manifestação cultural de tradição maranhense, feita de versos improvisados respondidos por um coro de brincantes, dançada na roda por mulheres:

Melão, melão, sabiá

É na laranjeira, sabiá

A morena é boa, sábia

É namoradeira, sabiá...

Sabiá, bebeu, bebeu

Sabiá, bebeu licô

Sabiá tocou corneta

Bateu asas e avuou

Senti saudades de ti

Fui te ver lá na ribeira

Lá eu te encontrei sentada

Na folha da juçareira



Fig. 4: Entrega do tecido chita para as mulheres na Ciranda das Chitas. Novembro, 2017. Foto: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Nesse mesmo dia, seguido a atividade da Roda de conversas temáticas, fizemos a entrega de tecidos de chita para cada uma das mulheres, tendo como prioridade as mais velhas da comunidade. A satisfação estampada no rosto das mulheres ao receber o presente foi tão grande que elas riam, abriam os tecidos e sacudiam, acionando em nós o desejo de convidá-las para dançar com os tecidos, o que culminou com a formação de uma roda que denominamos Ciranda das Chitas. Foi lindo vermos as mulheres bailando, cirandando, abrindo e fechando a Roda com as chitas coloridas, compondo uma cerca de afetos, de felicidade e alegria.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenrolar das metodologias na Roda para a produção de dados da pesquisa, percebemos o quando foi satisfatório empregar práticas criativas e sensíveis, que possibilitaram o aflorar de lembranças trazendo à tona as histórias e memórias das mulheres da comunidade Santo Antônio dos Pretos.

As narrativas por elas rememoradas foram entendidas como transmissão de experiências entre gerações, movimento coletivo de tradições, ao relacionar fatos narrados com fatos vivenciados. O narrador, incumbido do trabalho de rememorar, ainda que nos relate histórias marcadas por visões de mundo próprias e peculiares, transcende a memória individual, sendo a memória sempre coletiva e, portanto, social, formada na esteira do grupo a que pertence (BENJAMIN, 1980).

A fala de Benjamin (1980) está relacionada ao que constatou o pesquisador Caio Carvalho ao analisar as lembranças das mulheres da comunidade:

[...] suas histórias estão ligadas à origem do grupo, aos costumes e tradições, bem como às relações que estabelecem com o mundo que as circundam. São histórias que ganham estatuto de conhecimento, caminham junto com a história social do lugar” (anotações do Diário de Campo do pesquisador).

A reinvenção de metodologias na roda para escuta de narrativas oportunizou não só a prática da oralidade nas mulheres quilombolas da comunidade Santo Antônio dos Pretos, como também o fortalecimento de outros valores civilizatórios africanos reconstruídos no contexto brasileiro como a circularidade, a religiosidade, a corporeidade, a musicalidade, o cooperativismo, a ancestralidade, a memória, a ludicidade e a energia vital (axé), valores que também foram vivenciados na pesquisa.

A cada visita à comunidade retornávamos, renovados, transbordando de sons, cheiros e sensações, com a certeza de que o dia foi rico de ensinamentos, uma troca de saberes e conhecimentos que saíram de memórias adormecidas pelo peso do esquecimento contemporâneo, que infelizmente já chegou ao quilombo.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. In:_____. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BUSATTO, Cléo. Narração oral de histórias o simbólico no conto: (a) ponte para o sagrado. In: **CD--ROM: II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade**. Vila Velha, ES, 2005, pp. 2-5.

CARVALHO, Márcia Evelim de. Vivendo a Roda Griô em uma Comunidade de Afrodescendentes. In: **Leitura em Revista iiLer / Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio de Janeiro**, n.10, nov., 2016. Disponível em: <http://iiler.puc-rio.br/portal/index.php/2017/01/05/leitura-em-revista-no-10/>

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Trad. Eliane Fitipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, 1988.

GOMES, Eunice Simões Lins. **Um Baú de Símbolos na Sala de Aula**. São Paulo: Paulinas, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

ROSA, Sonia. **Quando a Escrava Esperança Garcia escreveu uma carta**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

SISTO, Celso. O Griô que eu não sou e as histórias africanas que me enredam. In: MORAES, Fabiano e GOMES, Lenice. **A Arte de Encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo: Cortez, 2012.

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

A

Abuso sexual 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 197

Alfabetização 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 93, 99, 102, 183, 259

Análise textual discursiva 17, 19, 21, 22, 24

Aprendizagem 24, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 52, 70, 71, 72, 75, 76, 100, 105, 106, 107, 108, 109, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 153, 154, 158, 160, 163, 165, 166, 170, 171, 172, 173, 175, 177, 178, 193, 200, 203, 210, 233, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 252, 260

Aprendizagem significativa 173, 175, 177, 178, 240, 241, 242

Aprendizaje convergente 25, 26, 29

Aprendizaje divergente 25, 26, 29

Autonomia 20, 44, 50, 66, 69, 111, 112, 116, 119, 126, 165, 171, 203, 204, 231, 232, 233, 235, 237, 243, 244, 245

Avaliação 20, 22, 24, 38, 40, 41, 44, 74, 77, 103, 105, 106, 108, 110, 117, 123, 141, 176, 177, 209, 234, 235, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249

Avaliação formativa 110, 239, 241, 242, 243

B

Bullying 40, 61, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205

C

Cidadania 48, 58, 61, 62, 64, 66, 67, 69, 99, 101, 173, 174, 175, 194, 231, 232, 237, 242, 243

Civic culture 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 12, 13, 14

Comunidade Quilombola 179, 180, 181, 182

Construto 136

Contos de fadas 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 164, 167, 170, 171, 172

Currículo 73, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 145, 173, 174, 175, 176, 177, 205

D

Deficiência visual 251

Democracia 55, 65, 67, 68

Didática 49, 105, 107, 110, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 153, 162, 218, 250

Discriminação 34, 60, 61, 63, 64, 163, 164, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 201, 202, 205, 242

E

Educação 17, 18, 19, 20, 24, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 77, 92, 94, 95, 97, 101, 102, 103, 105, 107, 108, 117, 119, 129, 130, 132, 133, 135, 137, 139, 140, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 165, 166, 170, 171, 172, 175, 176, 183, 191, 192, 193, 195, 196, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208, 209, 211, 217, 218, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 242, 243, 244, 245, 249, 250, 259, 260

Educação infantil 33, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 162, 163, 165, 170, 171, 172

Educação sexual 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 200, 201, 203, 204, 205

Educommunication 1

Ensino-aprendizagem 75, 105, 106, 109, 115, 133, 135, 137, 153, 154, 158, 160, 163, 165, 170, 171, 200, 248

Ensino militar 103, 105

Ensino regular 17, 18, 19, 20, 22, 23

Ensino remoto 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 119, 206, 211, 215, 217

Estilos de pensamento 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91

Estudante 25, 78, 79, 82, 83, 88, 90, 145, 147, 148, 149, 151, 240

F

Fake news 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102

Finanças 231, 232, 233, 235, 236, 237

Formação dos professores 117, 239, 241, 248

G

Gamificação 118, 119, 128, 129, 130, 132, 133

Gênero 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 164, 181, 182, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 205

Genética 145, 251, 252, 253, 255, 256, 257, 258

H

História da matemática 206, 208, 209, 210, 211, 215, 216, 217, 218

I

Inovação educacional 239, 241, 242, 245, 248, 249

Instrumentos avaliativos 239, 240, 241, 243, 245, 247, 248, 249

Intervenção pedagógica 32, 207

Inventário de hábitos de estudo 79

Isolamento social 93, 219, 220, 222, 224, 225, 228, 229, 230

L

Leitura 21, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 54, 57, 74, 75, 77, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 165, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 184, 190, 191, 201, 202, 239, 240, 241, 242, 243, 246, 247, 248

Letramento 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 132, 259

Lógica pedagógica 103, 104, 105, 106, 115

Logros acadêmicos 78, 79, 80

Logros de aprendizagem 78, 79, 84

M

Matemática 24, 44, 88, 96, 118, 119, 123, 124, 125, 126, 132, 134, 206, 208, 209, 210, 211, 215, 216, 217, 218, 259, 260

Metodologia 19, 21, 45, 50, 57, 71, 77, 96, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 114, 117, 118, 124, 128, 129, 130, 132, 138, 139, 143, 153, 154, 156, 158, 159, 182, 184, 187, 201, 205, 219, 222, 231, 241, 245

Metodologias inventivas 179

Modelo didático 251, 252, 253, 254, 256, 257

N

Narrativas de mulheres 179, 181

Neuropsicopedagogia 32, 33, 37

Números inteiros 206, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217

O

Orçamento 231, 232, 233, 234, 236, 237

P

Pedagogia 32, 33, 37, 50, 51, 68, 69, 106, 107, 135, 136, 155, 171, 259, 260

Perspectivas de professores 92, 93

PIBID 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 118, 119, 132, 259

Prática pedagógica 55, 57, 63, 66, 67, 69, 71, 76, 105, 106, 109, 116, 163, 165, 171, 173, 193, 201, 241, 242, 246

Preconceito 64, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 201, 202, 203, 204

Programa ensino integral 17, 18, 19

Programa residência pedagógica 206, 207, 210, 217

S

Sexualidade 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205

Síntese proteica 251

Sistema de escrita alfabética 43, 45

Social inclusion 1, 5, 8, 12, 14

T

Tecnologia 46, 47, 48, 92, 100, 118, 127, 130, 131, 132, 209

Transmedia storytelling 1, 2, 8, 10

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Atena
Editora
Ano 2022

Vol 2

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Atena
Editora
Ano 2022

Vol 2